

A TRANSGERACIONALIDADE DO SIGNIFICANTE: UMA PESQUISA SOBRE O QUE ANTECEDE O SUJEITO

Lerrine Mewes

Eixo temático: Sujeito Lacaniano: gênero, feminilidade e mulheridades na contemporaneidade.

1. Introdução

Antes que um sujeito possa falar, já há palavras. Há significantes que circulam, lugares que se oferecem, expectativas sobre o que significa ser homem ou mulher, amar, desejar e ser desejado. O sujeito não inaugura o campo no qual fala. Ele nele se inscreve.

É a partir dessa premissa que se formula a hipótese desta pesquisa: **a transgeracionalidade do significante não corresponde à transmissão de conteúdos psíquicos de uma geração para outra, mas à inscrição do sujeito em uma cadeia significante que já estava em funcionamento quando ele entrou no mundo.**

A expressão “transgeracionalidade do significante” não é um conceito formulado por Jacques Lacan. Trata-se, aqui, de uma hipótese de trabalho construída a partir da clínica pela concepção lacaniana de sujeito do significante. Em *A psicanálise e seu ensino*, Lacan afirma que “o inconsciente é esse discurso do Outro em que o sujeito recebe, sob a forma invertida que convém à promessa, sua própria mensagem esquecida” (LACAN, 1998, p. 440). O que antecede o sujeito, portanto, não é exterior à sua constituição: é no campo do Outro que sua pergunta poderá se formar.

A questão que orienta este trabalho é: **o que acontece quando um sujeito encontra um lugar em um discurso que não começou com ele? E, sobretudo, o que pode fazer com aquilo que o antecede?**

2. O caso como primeiro texto

A pesquisa teve origem em uma experiência clínica. Não se tratou, inicialmente, de testar uma hipótese sobre transmissão geracional. Foi o próprio caso que convocou a elaboração teórica.

Lacan define a práxis como “uma ação realizada pelo homem que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico” (LACAN, 1988, p. 14). Nesse sentido, o

caso clínico não é mera ilustração de uma teoria previamente estabelecida. Ele pode produzir uma questão que obrigue o analista a retornar à teoria.

Tratava-se de um homem adulto cuja queixa se organizava em torno da história sexual pregressa de sua companheira. Ele perguntava repetidamente sobre os homens com quem ela havia se relacionado, sobre o que havia acontecido nessas relações, sobre o desejo dela por esses homens e sobre o que cada um deles havia representado para ela.

A questão clínica não estava apenas no conteúdo dessas perguntas, mas em sua insistência. As cenas mudavam, os nomes mudavam, as respostas mudavam, mas a pergunta retornava.

Foi a repetição que deslocou a questão clínica: **o que esse sujeito procurava encontrar sobre si ao investigar incessantemente os homens que o haviam antecedido?**

3. O que antecede o sujeito

A investigação mostrou que sua história não começava nele. Havia, antes dele, uma história familiar e um discurso sobre homens, mulheres, desejo e sexualidade. Em particular, aparecia no discurso materno uma tensão entre enunciados de defesa da liberdade das mulheres e uma narrativa sobre a própria experiência conjugal marcada por insatisfação e submissão sexual.

Não se trata de atribuir à mãe uma identidade ou de tomar essa contradição como causa do sofrimento do sujeito. O que interessa é que determinados significantes já circulavam quando ele entrou nessa cadeia.

Lacan afirma, no Seminário 5, que, para o sujeito, a questão não é simplesmente saber se a mãe tem ou não o falo, mas “saber o que é no outro o efeito desse x que é o desejo” (LACAN, 1999, p. 464). A questão, portanto, não é localizar um conteúdo transmitido pela mãe, mas interrogar o lugar que o desejo do Outro ocupa para o sujeito.

É nesse ponto que a dimensão geracional da pesquisa se distancia de uma concepção de transmissão como passagem intacta de conteúdos. O que antecede o sujeito não chega a ele como uma mensagem preservada. O sujeito entra em uma cadeia em funcionamento e responde a ela.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan afirma: “O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha pergunta” (LACAN, 1998, p. 301). A pergunta do sujeito não é, portanto,

simplesmente produzida por uma experiência individual isolada. Ela se constitui no campo do Outro.

4. O desejo do Outro e a pergunta sobre si

No caso, a investigação da sexualidade das mulheres adquiria outra dimensão quando lida a partir dessa estrutura. Ao perguntar quem havia desejado sua companheira antes dele, o sujeito parecia procurar uma referência que lhe permitisse determinar sua própria posição.

Cada homem anterior podia funcionar como uma medida: aquele que havia sido desejado, aquele que havia satisfeito, aquele que havia sido abandonado, aquele que havia ocupado uma determinada posição no desejo dela. A pergunta sobre o outro homem tornava-se, assim, uma pergunta sobre si: **quem sou eu diante do desejo dela?**

Lacan formula no Seminário 5: “O desejo é desejo daquela falta que no Outro designa um outro desejo” (LACAN, 1999, p. 340). A falta no Outro impede que o sujeito encontre ali uma resposta completa sobre o próprio ser. Por isso, nenhuma informação sobre o passado sexual da companheira era suficiente. Cada resposta podia produzir uma nova pergunta.

A insistência da investigação também pode ser lida à luz da relação entre demanda e desejo. O sujeito demandava uma informação que pudesse funcionar como garantia, mas o saber solicitado não conseguia produzir a certeza procurada.

É nesse ponto que a fórmula “Che vuoi?” ganhou valor clínico. No Seminário 5, Lacan escreve que é “na medida em que o desejo do Outro é barrado que o sujeito vem a reconhecer seu desejo barrado” (LACAN, 1999, p. 379). O problema não é descobrir finalmente o que o Outro quer, mas confrontar-se com o fato de que não há no Outro uma resposta capaz de fechar a pergunta.

5. Repetição e marca

A repetição foi o elemento que permitiu deslocar a leitura do conteúdo para a estrutura. O que retornava não era simplesmente uma lembrança ou uma ideia aprendida. Retornava uma pergunta.

No Seminário 11, Lacan diferencia a repetição da simples reprodução do mesmo. Ao abordar o automatismo de repetição, afirma: “O que se repete, com efeito, é sempre algo que se produz” (LACAN, 1988, p. 55). A repetição, portanto, não deveria ser compreendida apenas como insistência de um conteúdo anterior,

mas como **produção que se atualiza no discurso do sujeito**.

Foi nesse ponto que a pesquisa encontrou a expressão “transgeracionalidade do significante”. O que atravessa as gerações não é uma mensagem pronta. O que atravessa é uma cadeia na qual determinados significantes, posições e perguntas já estavam em funcionamento e na qual cada sujeito precisa encontrar uma maneira própria de responder.

Em *Posição do inconsciente*, Lacan formula que “esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para outro significante” (LACAN, 1998, p. 849). O sujeito não está fora da cadeia para posteriormente receber seus significantes. Ele se constitui nessa relação.

Por isso, dizer que algo antecede o sujeito não significa afirmar que seu destino já esteja determinado.

6. O que fazer com aquilo que antecede?

A questão final desta pesquisa não é, portanto, “o que foi transmitido ao sujeito?”, mas **o que o sujeito pode fazer com aquilo que o antecede?**

No Seminário 11, ao abordar a operação significante, Lacan afirma que o traço unário é aquilo no qual o sujeito se agarra no campo do desejo e que pode “só perder de qualquer maneira” para poder constituir-se em um novo significante (LACAN, 1988, p. 242). A marca não desaparece pela simples descoberta de sua origem. A questão é o que se pode fazer com ela.

No caso apresentado, a análise foi interrompida antes que fosse possível acompanhar até onde a operação sobre essa cadeia poderia conduzir. Essa interrupção constitui também um limite da pesquisa: não se pode afirmar um efeito clínico que não foi produzido.

Ainda assim, a direção da investigação pôde ser precisada. O trabalho analítico não consistiria em oferecer ao sujeito uma explicação sobre aquilo que sua família teria lhe transmitido, nem em determinar o que ele “é” a partir de sua história. Consistiria em operar sobre a cadeia significante na qual sua pergunta se sustenta, permitindo que aquilo que se repetia como busca de uma resposta pudesse tornar-se questão para o próprio sujeito.

7. Considerações finais

A hipótese de uma **transgeracionalidade do significante** procura nomear uma dimensão da constituição subjetiva: antes que o sujeito fale, há uma cadeia em funcionamento; antes que formule sua pergunta, há significantes no campo do Outro.

Entretanto, aquilo que antecede o sujeito não determina seu destino. A inscrição em uma cadeia não equivale à transmissão de um conteúdo fixo. O sujeito responde ao que recebe, desloca significantes, produz novas articulações e pode modificar sua relação com a marca que o constitui.

Nesse sentido, a transgeracionalidade do significante não é a passagem de uma história pronta entre gerações. É a condição de que cada sujeito encontre sua própria posição em uma cadeia que começou antes dele.

A pergunta que permanece, então, não é apenas **o que antecede o sujeito**, mas: **o que ele pode fazer com aquilo que o antecede?**

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.